

## Entre Kierkegaard e Highsmith: investigação de uma escrita da liberdade

*Between Kierkegaard and Highsmith: exploring a writing of freedom*

Deise Abreu Pacheco<sup>1</sup>

### RESUMO:

Como praticar uma escrita da liberdade? Não uma escrita *sobre* a liberdade, mas uma escrita *da* liberdade. Fundamentado em pesquisa de pós-doutorado em andamento na Universidade Federal de São Paulo, o presente artigo pretende abordar essa questão, adotando por eixo teórico-crítico aspectos das obras *O Conceito de Angústia*, do autor dinamarquês Søren Kierkegaard e *O Preço do Sal*, da autora estadunidense Patricia Highsmith, ambas assinadas por autores-pseudônimos, Vigilius Haufniensis e Claire Morgan, respectivamente. A partir da obra de Kierkegaard, a noção de liberdade será dialeticamente articulada com o fenômeno da angústia e examinada no contexto histórico e literário do romance de Highsmith, ambientado nos Estados Unidos dos anos 1950, década marcada por forte repressão moral e política. Sob este enfoque, ao pensarmos *com* Kierkegaard e *com* Highsmith – ela própria leitora do autor dinamarquês – esperamos apontar para duas perspectivas centrais: as implicações do recurso à *persona* na obra de ambos os autores à luz do conceito de ficcionalidade do autor; e a dimensão artística desse recurso, com base em uma abordagem literária da comunicação, levando em conta as interfaces entre autoria, produção e recepção.

**Palavras-chave:** escrita da liberdade, angústia, urgência existencial, *persona*, comunicação indireta, Søren Kierkegaard, Patricia Highsmith, Vigilius Haufnienis, Claire Morgan

### ABSTRACT:

How can one practice a writing of freedom? Not a writing *about* freedom, but a writing *of* freedom. Based on a postdoctoral research project currently underway at the Federal University of São Paulo, this article aims to explore that question, adopting as its theoretical-critical framework aspects of *The Concept of Anxiety*, by the Danish author Søren Kierkegaard, and *The Price of Salt*, by the American

<sup>1</sup> Deise Abreu Pacheco é pesquisadora, professora e escritora. Desenvolve pesquisa de pós-doutorado no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), com supervisão da Profª Drª Paloma Vidal, com o projeto "Em meio à liberdade e à vigilância: investigação de uma escrita existencial entre Kierkegaard e Highsmith". É graduada, mestre e doutora em Artes Cênicas pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), com bolsa FAPESP/CAPES (processo nº 2014/04101-9), e realizou estágio doutoral em Filosofia no Søren Kierkegaard Research Centre, Universidade de Copenhague (BEPE/FAPESP, processo nº 2015/00330-6), com supervisão do Prof. Dr. Joakim Garff. É autora do livro *Assistir e ser assistida: via e limites de uma estética existencial. Um percurso por escritos de Søren Kierkegaard* (Hucitec, 2021), além de artigos em periódicos especializados. Contato: [dedeista@gmail.com](mailto:dedeista@gmail.com) | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7732-161X>

author Patricia Highsmith – both published under pseudonyms, Vigilius Haufniensis and Claire Morgan, respectively. Drawing on Kierkegaard's work, the notion of freedom will be dialectically articulated with the phenomenon of anxiety and examined within the historical and literary context of Highsmith's novel, set in 1950s America – a decade marked by intense moral and political repression. From this perspective, by thinking *with* Kierkegaard and Highsmith – herself a reader of the Danish author – we aim to highlight two central perspectives: the implications of the use of the *persona* in both authors' works in light of the concept of authorial fictionality; and the artistic dimension of this device, grounded in a literary approach to communication that considers the interfaces between authorship, production, and reception.

**Keywords:** writing of freedom, anxiety, existential urgency, *persona*, indirect communication, Søren Kierkegaard, Patricia Highsmith, Vigilius Haufnienis, Claire Morgan

## INTRODUÇÃO

Como praticar uma escrita da liberdade? Não uma escrita *sobre* a liberdade, mas uma escrita *da* liberdade. O presente artigo tem por objetivo apresentar o enquadramento teórico e os pressupostos metodológicos mobilizados no enfretamento dessa questão, a partir da abordagem das obras *O Conceito de Angústia*, do autor dinamarquês Søren Kierkegaard (1813-1855) e *O Preço do Sal*, da autora estadunidense Patricia Highsmith (1921-1995).

A pesquisa, fundamentada em projeto de pós-doutorado em andamento no Departamento de Letras da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp),<sup>2</sup> possui caráter marcadamente interdisciplinar – envolvendo os campos literário, filosófico e artístico. Propõe-se a produção de práticas de escrita de natureza ensaística que interpelem existencialmente a noção de liberdade, à luz das obras destacadas. É, portanto, uma investigação com viés teórico-prático, cuja resultante prevê a publicação de um livro de ensaios como desdobramento final.

Neste artigo, elaborado como contribuição ao I Dossiê Kierkegaard – A *atualidade de Kierkegaard*, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará (PPGFIL/UECE), concentraremos nossa exposição no arcabouço teórico e nos referenciais metodológicos que orientam o projeto, uma vez que os ensaios, em sentido estrito, serão desenvolvidos em etapas posteriores da pesquisa.

---

<sup>2</sup> Projeto de pós-doutorado em curso no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), sob supervisão da Profª Drª Paloma Vidal, intitulado *Em meio à liberdade e à vigilância: investigação de uma escrita existencial entre Kierkegaard e Highsmith*.

Cabe ainda destacar o caráter pioneiro da pesquisa, pois não foram encontrados estudos anteriores – em âmbito nacional e internacional – que integrem de forma teórico-prática as obras de Søren Kierkegaard e Patricia Highsmith, com foco particular no romance *O Preço do Sal/Carol*.<sup>3</sup>

## 1. Entre Kierkegaard e Highsmith: *O Conceito de Angústia* e *O Preço do Sal*

A obra *O Conceito de Angústia* (*Begrebet Angest*, 1844), assinada pelo autor-pseudônimo Vigilius Haufniensis (O Vigilante de Copenhague),<sup>4</sup> imprime ela própria um debate interdisciplinar de relevo ao perscrutar existencialmente o problema da liberdade humana. Sob a *persona* de Haufniensis, Kierkegaard confronta concepções filosóficas, éticas, teológicas, psicológicas e estéticas em voga no pensamento europeu da primeira metade do século XIX, fortemente marcado por um enfoque especulativo e científico. Nesse contexto, o fenômeno da angústia<sup>5</sup> será interpelado com viés antropológico, enquanto constitutivo da existência humana, vinculando-o de modo fulcral à noção de liberdade: “a angústia é a vertigem da liberdade” (Kierkegaard, 2013, p. 66). Tal vertigem expressa notavelmente a problemática da liberdade humana sob a ótica kierkegaardiana: “Angústia não é uma determinação da necessidade, mas tampouco o é da liberdade, ela consiste em uma *liberdade enredada*,<sup>6</sup> onde a liberdade não é livre em si mesma, mas tolhida, não pela necessidade, mas em si mesma” (Kierkegaard, 2013, p. 53, nossa ênfase). Nesse sentido, a angústia é existencialmente compreendida na qualidade de um *estado de ânimo*,<sup>7</sup> enquanto uma categoria intermediária fundante, que se interpõe entre o campo dos possíveis e a realidade efetiva, ou seja, entre a possibilidade de liberdade e a concretude da existência. Assim, na condição de uma *categoria*

<sup>3</sup> Até o momento, não foram identificadas pesquisas que estabeleçam conexões diretas entre *O Conceito de Angústia*, de Kierkegaard, e *O Preço do Sal* (posteriormente intitulado *Carol*), de Highsmith. Destaca-se, contudo, a contribuição rigorosa de Don Adams, cujos estudos vêm explorando relações entre a filosofia kierkegaardiana e outras obras da autora (cf. ADAMS, 2022; 2024a; 2024b).

<sup>4</sup> O nome latino *Vigilius* pode ser associado à ideia de vigilância, ao passo que o termo *Hafnia* era o nome latino para o vilarejo portuário que deu origem à cidade de Copenhague (cf. Barrett, 2015, p. 265).

<sup>5</sup> “No seu significado filosófico, isto é, como atitude do homem em face de sua situação no mundo, esse termo foi introduzido por Kierkegaard em *Conceito de Angústia* (1844)” (Abbagnano, 2012, p. 63).

<sup>6</sup> No original em dinamarquês *Hildet*: capturada, emaranhada, estorvada.

<sup>7</sup> No original em dinamarquês *Stemning*: atmosfera, tonalidade afetiva, disposição, estado de espírito ou de ânimo são algumas das traduções possíveis para o termo, que na obra de Kierkegaard é problematizado no âmbito conceitual (cf. Pacheco, 2021).

*intermediária* entre possibilidade<sup>8</sup> e realidade, na esfera existencial, o par angústia/liberdade encontrará expressão na tensão dialética própria ao âmbito das ambiguidades e dos paradoxos da existência.

A obra *O Preço do Sal* (*The Price of Salt*, 1952), posteriormente intitulada *Carol* (1990), foi publicada sob o pseudônimo de Claire Morgan, nome escolhido por Highsmith<sup>9</sup> a fim de, segundo a autora, fornecer um “alívio parcial e temporário para a vergonha”.<sup>10</sup> Segundo romance da escritora, seguido de sua muito bem sucedida estreia com *Pacto Sinistro* (*Strangers on a Train*, 1950) – filmado por Alfred Hitchcock em 1951 –, *O Preço do Sal* trata do relacionamento amoroso entre duas mulheres no início dos anos 1950. O romance foi escrito e publicado em uma conjuntura de severa repressão moral e política nos Estados Unidos, conduzida pelo então senador republicano Joseph McCarthy, que se notabilizou pela sistemática perseguição aos chamados “inimigos internos”. Dirigida inicialmente a todos acusados de “comunismo”, a “caça às bruxas” ampliou-se para uma sistemática perseguição aos também considerados “pervertidos”, i.e., aqueles que não se enquadravam dentro de uma estrutura heteronormativa, à época, denominados de forma genérica e pejorativa de “homossexuais”.<sup>11</sup> Nesse contexto, sob a *persona* de Claire Morgan, Highsmith irá desenvolver uma narrativa em que suspeitas, espionagem, perseguição, erotismo e transgressão caminham lado a lado: “[o livro] tem elementos de um romance policial, mas também remete a conto de fadas. Sua linha de força, na frase oportuna de Susannah Clapp, é ‘uma investigação do coração’, e seu ato criminoso central — o amor homossexual — é o único em que a heroína fora da lei se dá bem.” (Schenkar, 2012, p. 69).

Nessa “investigação do coração”, tal “ato criminoso” colocará em escrutínio concepções morais vigentes, que abarcam crucialmente o par angústia/liberdade, tendo em vista a complexidade das relações intra e intersubjetivas desenvolvidas pela narrativa. Um dos aspectos determinantes dessa transgressão moral concerne ao enredo do romance que,

<sup>8</sup> “A possibilidade consiste em *ser-capaz-de*” (Kierkegaard, 2013, p. 53, ênfase do autor), o que torna a determinação da possibilidade “a mais pesada de todas as categorias” (*Ibid.*, p. 162).

<sup>9</sup> O pseudônimo, Claire Morgan, foi decidido em janeiro de 1951 por uma sugestão de Ann Clark, então namorada de Highsmith, que propôs uma combinação com nome e sobrenome de parentes distantes (Wilson, 2003, p. 171).

<sup>10</sup> Comentário no Diário n. 10 (29 de outubro de 1950), de Patricia Highsmith (Highsmith; Planta, 2021, p. 496, nossa tradução).

<sup>11</sup> Em 2004, com a publicação da minuciosa e robusta pesquisa do historiador estadunidense David K. Johnson em livro intitulado *The Lavender Scare. The Cold-War Persecution of Gays and Lesbians in Federal Government* (The University of Chicado Press), veio a público de forma sistematizada a política de perseguição a gays e lésbicas, acusados de subversão e ameaça ao Estado. Johnson denuncia a demissão de cerca de cinco mil funcionários de agências federais, uma prática política oficial no período.

ironicamente, propõe um final feliz, ou mais propriamente falando, não-trágico às suas protagonistas, Therese Belivet e Carol Aird. Por essa razão, *O Preço do Sal* é considerado um marco na história da literatura *queer*,<sup>12</sup> por apresentar em uma obra literária com protagonistas lésbicas, um final que não termine em suicídio, loucura, assassinato ou na famigerada tentativa de cura da homossexualidade.

Ao longo de trinta e oito anos, Claire Morgan foi considerada a autora de *O Preço do Sal*. A obra vendeu mais de um milhão de exemplares só nos EUA, e nos cinco primeiros anos de sua publicação, cerca de quinze cartas por semana eram envidas a Morgan endereçadas à editora Coward-McCann: “A maioria eram expressões de gratidão a uma autora que criou um universo no qual eles [seus/suas leitores] *poderiam viver livremente sua existência secreta*”<sup>13</sup>. A *persona* de Claire Morgan parece ter trazido mais do que um “alívio parcial e temporário para a vergonha”<sup>14</sup>, nas palavras de Patricia Highsmith que, apenas em 1990, cinco anos antes de sua morte, assumiu a autoria da obra alterando, contudo, seu título para *Carol*. Para essa nova edição, a autora escreveu um posfácio para o romance descrevendo sua gênese e o contexto histórico do impacto de sua recepção.

Minha jovem protagonista, Therese, pode parecer uma violeta tímida no livro, mas naquele tempo os bares *gays* eram uma porta escura em algum lugar de Manhattan, era uma época em que as pessoas que queriam ir a um determinado bar desciam do metrô uma estação antes ou uma depois da parada certa para que ninguém suspeitasse de que eram homossexuais. O atrativo de *O Preço do Sal* era que tinha um final feliz para suas personagens principais, ou pelo menos elas iriam tentar ter um futuro juntas. Antes desse livro, os homossexuais, homens ou mulheres, nos romances norte-americanos, tinham que pagar por seu desvio cortando os pulsos, afogando-se em piscinas ou virando heterossexuais (assim era dito), ou então sucumbindo – sós, infelizes e alijados – numa depressão pior que o inferno (Highsmith, 1995, p. 322).

Se Patricia Highsmith precisou adotar uma autoria pseudônima para *O Preço do Sal*, em face da conjuntura histórica em que se encontrava, considerando a temática de seu

---

<sup>12</sup> Adotamos a noção de literatura *queer*, considerando-se a abrangência do termo no que toca a modos de existência que denotam orientação não heterossexual e/ou não cisgênero. Nesse sentido, o termo *queer* abrange vários elementos e conceitos associados ao que contemporaneamente refere-se às comunidades LGBTQIAP+. Contudo – ainda que reconheçamos sua imensa relevância – preferimos evitar o uso dessa sigla devido às constantes mudanças próprias ao campo de sua atualização sociocultural. Essas mudanças são constatadas em acréscimos (começando por GLS, em seguida LGBT, depois LGBTQ, e assim por diante). Cf. Costa; Pires; Alves, 2023, p. 4-5.

<sup>13</sup> Bradford, 2021, não paginado, consultado em edição *epub*, nossa ênfase e tradução.

<sup>14</sup> Cf. nota 10.

romance,<sup>15</sup> já Søren Kierkegaard estava às voltas com questões de outra ordem ao decidir publicar *O Conceito de Angústia* sob a assinatura de Vigilius Haufniensis. Antes de tudo, porque diferentemente de Highsmith, que assinou apenas um de seus livros na forma pseudônima, o próprio *corpus* da obra do autor dinamarquês é sistematicamente elaborado por via de *personae* múltiplas, autores-pseudônimos, que assinam uma robusta diversidade de textos. Neste sentido, seu pensamento caracteriza-se, de forma eloquente, polêmica e instigante, como a produção poética (Gr., *Poiesis*, criação, produção) de um *autor de autores*<sup>16</sup>. Frente a essa profícua e muito peculiar produção, podemos afirmar de forma inequívoca que Kierkegaard não se tornou um “autor de autores” devido à perseguição política ou equivalente. De fato, ele não precisava esconder-se por trás de outro nome para assegurar sua integridade física ou moral. Assim sendo, pode-se compreender a tarefa pseudonímica ou polinímica kierkegaardiana, a partir do que o próprio autor nomeou por “comunicação indireta”, uma estratégia de escrita com princípios literários, centrada na investigação de diferentes pontos de vista sobre a vida, a partir de embates entre esferas éticas, estéticas e religiosas da existência humana.

O que está escrito, então, é meu, mas apenas na medida em que eu coloquei na boca da individualidade poeticamente real *que* produz, sua visão de vida, tal como se dá a perceber nas réplicas. Pois minha relação é ainda mais remota do que aquela de um poeta, que *cria poeticamente* personagens, porém é *ele próprio o autor* no prefácio. Eu sou, com efeito, impessoalmente ou pessoalmente na terceira pessoa, um *souffleur* [fr.: assoprador, ponto de teatro] que produziu poeticamente *autores*, cujos prefácios, por sua vez, são produções deles, sim, como o são até seus *nomes*. Não há, portanto, nos livros pseudonímicos uma única palavra que seja minha; não tenho nenhuma opinião sobre eles a não ser como um terceiro, nenhum saber sobre o seu significado a não ser como leitor (...) (Kierkegaard, 2016, p. 341, ênfases do autor).<sup>17</sup>

<sup>15</sup> A editora Harper & Brothers, responsável pelo lançamento do romance *Pacto Sinistro (Strangers on a Train)*, que alcançou imenso sucesso rejeitou, todavia, a publicação de *O Preço do Sal*, devido a sua temática lésbica. O livro acabou sendo aceito por uma pequena editora chamada Coward MacCann com a condição, exigida por Highsmith, que tinha sido, por sua vez, instruída por sua agente, de ser publicado de forma pseudônima.

<sup>16</sup> Cf. Pacheco, 2019a, p. 109.

<sup>17</sup> Pesquisas filológicas, entretanto, demonstram que o trabalho de concepção da obra, segundo uma visão de mundo rigorosamente específica e estritamente associada a determinado autor como plano *previamente* determinado por Kierkegaard, é polêmico. Essa asserção é exemplar no caso da obra *O Conceito de Angústia*, em que evidências filológicas explicitam que a ideia de torná-la de autoria do pseudônimo Vigilius Haufniensis é posterior à escrita, tendo sido, muito provavelmente, uma decisão tomada pouco antes de sua publicação (cf. Nun; Stewart (Ed.), 2015, p. XIV). Contudo, no que toca ao escopo de nossa pesquisa, esse problema é irrelevante, uma vez que não nos interessa pensar a questão da *persona* em Kierkegaard, sob um enfoque filológico, mas sob um aspecto literário e artístico.

Com efeito, interessa-nos chamar atenção para *dois aspectos* fundamentais do recurso à *persona* na produção de Kierkegaard:<sup>18</sup> por um lado, a criação de uma *voz* autoral que, ao exprimir modos de existência próprios, distancia o autor empírico do autor poeticamente concebido, estabelecendo *a noção e a prática da ficcionalidade do autor* (Westfall, 2007, p. 12); por outro, a *dimensão performativa* dessa autoria que, ao problematizar as relações entre *o que* se diz e *como* se diz, irá apontar de forma radical para *perspectivas existenciais* do indivíduo *no singular*,<sup>19</sup> cuja linguagem imprime a demanda por uma *abordagem artística da comunicação* tendo em vista as interfaces entre *autoria, produção e recepção*.

Contudo, tal articulação só se faz possível quando Kierkegaard pensa a comunicação como uma arte ou uma prática que cada indivíduo singular tem de realizar continuamente. Nesse sentido, a capacidade de *comunicar algo como arte* implica necessariamente um aprendizado no campo prático. Esse caráter traz consigo uma abertura temática para campos que vão além da filosofia, permitindo assim um diálogo tanto com os saberes estéticos específicos, quanto com as modalidades de aprendizado e de comunicação desses saberes (Pacheco; Lazzaretti, 2021, p. 06-07, ênfase dos autores).

Desse modo, levando em consideração os dois aspectos destacados acima no âmbito do pensamento kierkegaardiano, pretendemos interpelá-los a partir do exercício de uma *prática de escrita poética* (ensaística), que perscrute interações entre *autoria, produção e recepção*, com base em um *diálogo experimental* com *saberes literários e artísticos*, à luz das obras *O Conceito de Angústia*, de Vigilius Haufniensis e *O Preço do Sal*, de Claire Morgan.

## 2. Pensar com Kierkegaard e Highsmith: urgência existencial e *persona*

Em nossa pesquisa, o *âmbito existencial* da escrita é abordado a partir de seu próprio fundamento no pensamento de Søren Kierkegaard, assentando-se na noção moderna de

---

<sup>18</sup> Cumpre-se notar que o próprio nome S. Kierkegaard, que assina parte das obras kierkegaardianas, pode ser igualmente compreendido enquanto *persona* (cf. Westfall, 2007). Em sua tese, Joseph Westfall irá argumentar que embora não considere possível alinhar a obra de Kierkegaard com pressupostos presentes no pós-estruturalismo: “É importante notar que a obra kierkegaardiana compartilha com a desconstrução uma consciência e uma disposição para engajar-se na prática do jogo autoral, brincando com a rígida fronteira que delimita a diferença entre realidade poética e realidade factual” (Ibid., p. 11-12, nossa ênfase e tradução).

<sup>19</sup> Em dinamarquês, *den Enkelte* é usualmente traduzido para a língua portuguesa por “indivíduo singular” para destacar o sentido de “único” presente na língua de partida. Todavia, preferimos optar pela forma tradutória mais literal de “indivíduo *no singular*”, uma vez que a noção de singularidade, nesse caso, quer simplesmente enfatizar o aspecto da particularidade não universalizável na realidade de um indivíduo existente.

*existência* enquanto *contradição*, isto é, não identidade, entre pensamento e ser.<sup>20</sup> Tal contradição expõe concepções divergentes da noção de *verdade*.<sup>21</sup> a do “filósofo especulativo” como paradigma científico da *verdade objetiva*, e, “daquele que participa em primeira pessoa” como expressão da *verdade subjetiva* do indivíduo existente, i.e., *no singular*.<sup>22</sup> O confronto marca, grosso modo, a diferença entre pensamento lógico-conceitual e experiência, que, na obra *O Conceito de Angústia*, é esmiuçada na tensão dialética entre o par angústia/liberdade, lançando a realidade da existência humana para o campo movediço das ambiguidades e paradoxos.

Em vista disso, é indispensável demarcarmos nossa compreensão do que implica o *campo existencial* no pensamento de Kierkegaard, observando que, porquanto o autor seja identificado com essa perspectiva filosófica – e justamente por essa razão – tal campo não é de modo algum evidente. Nesse sentido, nossa abordagem tem como uma das referências centrais, a noção de *urgência existencial* e o gesto de pensar *com* Kierkegaard, proposta pelo pesquisador e professor dinamarquês Arne Grøn.

Ele [Arne Grøn] está mais interessado em pensar *com* Kierkegaard do que *sobre* Kierkegaard. Isto não quer dizer que Grøn não reconheça a importância de analisar as dimensões textuais e históricas da obra de Kierkegaard. No entanto, embora esteja firmemente enraizado nos textos do autor, o envolvimento de Grøn com Kierkegaard leva Kierkegaard além de Kierkegaard e, às vezes, até mesmo contra Kierkegaard (Hansen; Rosfort in Grøn, 2023, p. XI, ênfases dos autores, nossa tradução).  
(...)

O que está em questão ao pensar *com* Kierkegaard é redescobrir a *urgência existencial* em jogo em seus textos. (...) O argumento de Grøn é de que os textos de Kierkegaard apontam para além de si mesmos, *abrindo perspectivas para o leitor reconhecer e se apropriar dos desafios existenciais com os quais os textos lidam*. O tratamento adotado por Kierkegaard para conceitos-chave como angústia, amor, desespero, esperança, alegria, e assim por diante, *encoraja o leitor a reconsiderar esses conceitos de tal forma que possa utilizar estes textos como desafios à sua própria autocompreensão*. Em outras palavras, somos confrontados conosco próprios nesses textos, e *apropriarmo-nos* deles significa um envolvimento com nossa própria autocompreensão (Hansen; Rosfort in Grøn, 2023, p. XII, nossa tradução e ênfases).

<sup>20</sup> Sobre o assunto, seguimos a perspectiva apresentada por Hannah Arendt no ensaio “O que é a filosofia da *Existenz*?", onde afirma: “A moderna filosofia da *Existenz* começa com Kierkegaard. Não há filósofos da *Existenz* sobre os quais sua influência não se faça sentir” (ARENDT, 1993, p. 24).

<sup>21</sup> Nesse âmbito, temos como referência a pesquisa de Gabriel Ferreira da Silva sobre as relações entre Ser e Pensar no âmbito de uma Ontologia kierkegaardiana, fundamentada no sentido de Ser enquanto Atualidade [*Virkelighed*] e, sob essa qualificação, correspondente à noção de Existência como *Inter-Esse*, objeto de sua “ciência existencial” [*Existential- Vindenskab*] (cf. SILVA, 2015).

<sup>22</sup> Cf. Pacheco, 2021, p. 30.

Assim, ao elegermos essa referência em especial para interpelarmos o campo existencial do pensamento de Kierkegaard importa-nos articulá-lo, particularmente, com o âmbito da *recepção*, tendo em vista a *apropriação* [em dinamarquês, *tilegnelse*] textual experimentada pelo leitor. O termo dinamarquês *tilegnelse* exprime literalmente um movimento em direção *ao que é próprio*, associando-se usualmente à ideia de aquisição de conhecimento ou habilidades em um campo específico. Na obra de Kierkegaard, esses conhecimentos e habilidades dizem respeito, fundamentalmente, à preocupação com um processo de aprendizagem seriamente interessado na própria existência<sup>23</sup>. Portanto, seguindo Grøn, o gesto de *pensar com* Kierkegaard possibilita uma maior abertura para que o leitor se deixe desafiar pela *urgência existencial* descoberta no texto, tendo em vista sua própria *autocompreensão* enquanto indivíduo *no singular*.

Com esse entendimento frente ao campo existencial, em nossa pesquisa, temos desenvolvido práticas de escrita poética (ensaística) a partir de uma interlocução com as obras *O Conceito de Angústia*, de Vigilius Haufniensis/Søren Kierkegaard e *O Preço do Sal/Carol*, de Claire Morgan/Patricia Highsmith. Por conseguinte, tais práticas de escrita inscrevem-se como *produção* que mantém, por sua vez, uma íntima conexão com a noção e a prática da ficcionalidade do autor por via do recurso à *persona*.

Søren Kierkegaard faz alusão à palavra latina *persona*, sugerindo tanto a sua acepção semântica de ‘soar através de’, ‘ressoar’, bem como a sua referência emblemática à *máscara* [no grego, *prosopon*], adereço essencial da indumentária no teatro grego antigo, em que uma das funções principais era de *amplificar o som da voz do ator*: ‘A *persona* da antiguidade – *per sonare* – potencializar a voz do indivíduo singular enquanto ele, no entanto, é a voz do indivíduo singular’ (SKS 27, 400; *Papir*, 266:2). Assim, ao aludir à noção de *persona*, Kierkegaard aponta para a função arcaica da máscara grega de amplificar a voz do ator enquanto indivíduo singular, enfatizando, todavia, a permanência da qualidade existencial que faz ressoar por via da *persona*: sua voz permanece sendo a voz do indivíduo singular, concomitante ao fato de que o caráter ou personalidade comunicada pelo ator pertence a personagens dramáticas [no latim, *dramatis personae*] ou ao papel (Pacheco; Lazzaretti; 2021, p. 10-11).

Nessa perspectiva, explorar a noção e a prática da ficcionalidade do autor, implica uma dimensão performativa que, analogamente ao âmbito da prática teatral, remete ao aspecto lúdico do vestir a máscara da personagem, cujo jogo faz repercutir uma voz que nos é própria

---

<sup>23</sup> Cf. Pacheco, 2019a, p. 09.

por via, contudo, daquilo que *não* nos é próprio (o estranho, o desconhecido, o *outro*). Com isso, a prática da ficcionalidade do autor tem como tarefa *transgredir* aquilo que é reconhecido como sendo “meu”, manifestando dialeticamente uma comunicação que faz entrever o “eu” por meio de um *outro*.

### 3. Em meio à liberdade e à vigilância: ambiguidade e paradoxo

A *persona* de Vigilius Haufniensis em *O Conceito de Angústia* faz ressoar a voz de um autor ficcional cuja atividade fundamental inscreve-se no domínio da *observação*. A centralidade da atividade da observação desse autor já aparece indicada por seu nome: “O Vigilante de Copenhague”. Mas que tipo de *vigilância* esse autor-observador opera? Vigilius é um psicólogo<sup>24</sup>, ou seja, dedica-se à prática da observação da experiência humana. Por conseguinte, a observação psicológica empreendida por Vigilius guarda uma marca investigativa, conferindo-o certo *élan* detetivesco de agente secreto<sup>25</sup>.

Todavia, ao longo do livro, veremos Vigilius Haufniensis progressivamente se afligir com o caráter vigilante de sua própria atividade, desvelando a tensão dialética do par angústia/liberdade em meio a seu campo investigativo, expondo os perigos da posição do observador quando o fenômeno observado diz respeito à existência humana.

O problema fundamental que atinge a atividade do observador [em dinamarquês, *en Iagttager*] associa-se à *vulnerabilidade* do observador em relação ao que observa. Assim, o ato de observar insere-se na esfera movediça e escorregadia da experiência, redundando sempre em *atividade arriscada*. Em outras palavras, o observador pode ser puxado para dentro da cena, sendo subitamente retirado da posição de espectador<sup>26</sup>. Desse modo, a permeabilidade das divisas tende a *comprometer* o observador com aquilo que observa, colocando em questão a própria concepção de observar, se compreendida a partir da ideia de recuo ou de pretensa

<sup>24</sup> Considerando a perspectiva fenomenológica de psicologia na obra de Kierkegaard: “Historicamente, a psicologia com a qual Kierkegaard trabalhou é bastante diferente da pesquisa psicológica atual. No seu caso, é uma fenomenologia baseada em uma visão ontológica do homem, cuja pressuposição fundamental é a realidade transcendente do indivíduo, cujo caráter, discernível intuitivamente, revela a existência de um componente eterno. Tal psicologia não se harmoniza bem com qualquer ciência puramente empírica e é melhor compreendida ao se considerar o corpo (soma), a psique e o espírito como os principais determinantes da estrutura humana, sendo os dois primeiros pertencentes ao âmbito temporal e o terceiro ao eterno.” (cf. Thomten; Anderson in Kierkegaard, 1980, p. XIV, nossa tradução).

<sup>25</sup> Cf. Barret, 2015, p. 259-278.

<sup>26</sup> Em nossa tese de doutorado essa perspectiva é desenvolvida a partir de um experimento artístico (cf. Pacheco, 2021, p. 272-275).

neutralidade frente ao observado. Na língua dinamarquesa, o termo *iagttag* está associado tanto à noção de “observar”, “olhar atentamente”, “prestar atenção”, “manter-se vigilante” como à ideia de “levar em consideração”, “levar em conta”, “tomar cuidado” [em dinamarquês, *tage i agt*].<sup>27</sup> Desse modo, a *persona* de Vigilius Haufniensis problematizará o complexo temático de sua obra *ao levar em conta* a fragilidade das condições de sua própria vigilância.

Vigilius está a um passo da vertigem, olhando fixamente para o abismo e tentando em vão recuar do seu precipício. Utilizado como espelho, o espetáculo da tontura de Vigilius pode reavivar a angústia sonolenta que Vigilius acredita estar latente no coração do leitor. Como Kierkegaard afirmou com precisão em um dos trechos de seus diários, Vigilius é de fato a individualidade que corresponde ao tema do livro (Barret, 2015, p. 277, nossa tradução).

A *persona* de Claire Morgan em *O Preço do Sal*, criada por força da necessidade, é uma voz que faz ressoar, todavia, o surpreendente *poder* da liberdade em meio à vigilância e seus enredamentos. Com Morgan, Patricia Highsmith é inadvertidamente puxada para dentro de uma cena inesperada: vestir a máscara de novo para tornar-se interlocutora das (os) leitoras (es) de Morgan, cujas cartas chegavam-lhe aos borbotões, agradecendo a ela pela possibilidade de verem suas existências, de algum modo, liberadas de um estigma narrativo, i.e., os finais sempre trágicos.

As cartas dos fãs chegavam endereçadas a Claire Morgan, aos cuidados da editora. Lembro-me de ter recebido pacotes com dez ou quinze cartas algumas vezes por semana e durante meses a fio. Muitas delas respondi, mas não seria capaz de responder a todas sem um carta padrão, que eu nunca providenciei. (...) Muitas cartas que chegaram a mim traziam mensagens do tipo “Seu livro é o primeiro desse tipo com um final feliz! Nem todos nós cometemos suicídio e muitos de nós estão muito bem”. Outras diziam: “Agradeço você por ter escrito uma história assim. É parecida com minha própria história...”. E: “Eu tenho dezoito anos e moro numa cidade pequena. Sinto solidão só porque não posso falar com ninguém...”. Às vezes eu respondia sugerindo à pessoa que fosse para uma cidade maior, onde haveria a chance de conhecer mais gente. Que eu me lembre, recebi cartas tanto de homens quanto de mulheres, o que para mim foi um bom presságio para meu livro. O que acabou sendo verdade. As cartas continuaram chegando por muitos anos, e mesmo agora ainda chegam cartas de alguns leitores, uma ou duas vezes por ano (Highsmith, 1995, p. 322-323).

Em tal contexto de recepção da obra de Morgan, vemos apontado o cerne da tensão dialética entre o par angústia/liberdade que entra em jogo com Haufniensis: a *possibilidade da*

<sup>27</sup> Cf. Pacheco, 2021, p. 267. Agradeço particularmente ao professor Arne Grøn, da Universidade de Copenhague, por ter me orientado quanto a essa associação no período de meu Estágio BEPE/FAPESP, em 2015, durante minha pesquisa de doutorado.

*liberdade* não se funda no poder da escolha entre o bem ou o mal, não se estabelecendo, portanto, a partir de nenhuma norma moral dada, mas se constitui pela *assunção de uma consciência* que se apercebe *ser-capaz-de* (Kierkegaard, 2013, p. 53). Esse é seu *poder*, e precisamente por isso, também é sua angústia.

Na “investigação do coração” (Schenkar, 2012, p. 69) praticada ao longo de *O Preço do Sal*, Morgan/Highsmith não colocará suas protagonistas Therese Belivet e Carol Aird às voltas com uma crise moral em face do relacionamento homossexual, à época, considerado um ato criminoso, perverso, associado à doença mental, à depravação e à deslealdade. Ao invés disso, fará dessa investigação íntima um processo existencial de assunção da consciência desse poder, e, por conseguinte, igualmente dessa angústia. Nessa perspectiva, Morgan/Highsmith expande a atmosfera de suspeita, de vigilância e de perseguição efetiva sofrida pelas personagens ao longo do romance, fazendo-a colidir com o poder de *ser-capaz-de*, tornando a *experiência da paixão* uma vigília vertiginosa, consumada em meio à frágil possibilidade de concretude, quando a realidade se torna uma outra realidade, exigindo uma nova linguagem, uma história nova, uma vida nova, um novo futuro.

*Uma angústia inarticulada*,<sup>28</sup> um desejo *de saber*, de saber qualquer coisa com certeza, *entalara em sua garganta de modo que, por uns instantes, sentiu como se mal pudesse respirar*. Você acha, você acha, começava assim. Você acha que nós duas vamos morrer violentamente um dia, vamos calar de repente? Mas até mesmo essa pergunta não era suficientemente clara. Talvez fosse uma afirmação, no fim das contas: *eu não quero morrer ainda, sem conhecer você. Você sente a mesma coisa, Carol?* Ela poderia ter enunciado a última pergunta, mas não poderia ter dito tudo o que viera antes (Highsmith, 1995, p. 145-146, nossas ênfases em itálico, ênfase da autora em negrito, tradução alterada<sup>29</sup>).

(...)

“Por que está tão calada? – Carol perguntou. “O que há?” “Nada” – Ela não queria falar. Entretanto, sentia como se houvesse *milhares de palavras sufocando-lhe a garganta* e que, talvez, apenas a distância, milhares de quilômetros, pudesse colocá-las em ordem. Talvez *a própria liberdade a estivesse sufocando* (Highsmith, 1995, p. 192, nossa ênfase).

Com o *paradoxo* desta “liberdade sufocante”, o desejo de saber, de conhecer o que se sente e o que se pressente, subverte a falta de uma linguagem comprehensível pela afirmação do

<sup>28</sup> No original: “An inarticulate anxiety” (Highsmith, 2015b, p. 183). Em ambas as traduções para o português do Brasil (Highsmith, 1995; 2006) verificamos a ocorrência da tradução como “uma ansiedade inarticulada” (1995) e “uma ansiedade inexpressível” (2006). Nossa opção tradutória do termo “anxiety” por “angústia” implica importantes consequências considerando-se a relação entre a obra de Kierkegaard e Highsmith, e, tendo como horizonte, sobretudo, a recepção de Highsmith da obra do autor dinamarquês.

<sup>29</sup> Cf. nota acima.

próprio erotismo – para o qual parece sempre faltar ou sobrar palavras – fazendo entrever a angústia de uma voz que faz ressoar o *ambíguo* poder da liberdade em meio aos enredamentos da vigilância.

#### 4. Patricia Highsmith leitora de Søren Kierkegaard: fruição e exame crítico

**No decorrer da investigação**, temos nos dedicado a um estudo cujo ineditismo impõe um duplo desafio: examinar a autora estadunidense na condição de leitora de Kierkegaard e, de modo particular, analisar como essa influência pode ser identificada no contexto de seu romance *O preço do sal/Carol*.

Embora seja notória a importância da obra de Kierkegaard na produção de Highsmith, verificável pela profusão de referências e citações que a autora faz ao autor dinamarquês em seus escritos, ainda encontram-se raras pesquisas que explorem os pormenores e a envergadura dessa influência<sup>30</sup>.

Em 2003, com a publicação da primeira biografia de Patricia Highsmith – *Beautiful Shadow: A Life of Patricia Highsmith*, do escritor e jornalista britânico Andrew Wilson –, agraciada com os prêmios ‘Edgar Allan Poe Award’ (melhor biografia crítica) e ‘Lambda Literary Award’, vieram a público referências relevantes sobre a influência de Kierkegaard na formação intelectual de Highsmith. Com acesso aos diários e cadernos da autora, então inéditos, Wilson identificou fontes que evidenciam o conhecimento de Highsmith de parte da obra do autor dinamarquês<sup>31</sup>. Nesses registros, a autora chega a nomear Kierkegaard como um de seus mestres — termo que utiliza explicitamente — ao lado de Dostoiévski<sup>32</sup>.

Porém, o campo para uma análise mais sistemática da influência de Kierkegaard na produção de Highsmith alarga-se substancialmente, apenas com a recente publicação dos diários e cadernos da autora, organizados por sua editora, a suíça Anna von Planta, no livro *Patricia Highsmith, her diaries and notebooks (1941-1995)*, lançado pela editora Diogenes Verlag AG Zurich, em 2021, no centenário de nascimento da autora, que passou os últimos

<sup>30</sup> Cf. nota 3.

<sup>31</sup> As referências encontradas são: Lowrie, Walter. *A Short Life of Kierkegaard*. Nova Jersey: Princeton University Press, 1942; Kierkegaard Søren. *A Kierkegaard Anthology*, ed. Robert Bretall. Nova Jersey: Princeton University Press, 1946.

<sup>32</sup> Cf. Highsmith; Planta, 2021, p. 456 (31/08/1949, *diário*). Outras menções diretas a Kierkegaard aparecem em *ibid.*, p. 382 (08/01/1947, *caderno*); p. 456 (31/08/1949, *diário*); p. 657 (29/01/1956, *caderno*); p. 664 (30/10/1956, *caderno*).

vinte anos de sua vida na Suíça<sup>33</sup>. Em seu prefácio ao livro, Anna von Planta observa que, embora nunca tenha autorizado uma publicação com sua biografia em vida, Highsmith indicava que esse material deveria ser tornado público após sua morte, ainda que tivesse considerado queimá-lo em certo momento. São dezoito diários e trinta e oito cadernos, somando em torno de oito mil páginas de depoimento pessoal produzido ao longo de mais de cinquenta anos. Segundo Planta, Highsmith planejou minuciosamente as formas de registro dessa produção, usando sempre os mesmos cadernos em espiral da Universidade de Columbia, incluindo um grande número de comentários paratextuais e instruções específicas para auxiliar a leitura do material. Inicialmente, Highsmith pensou em destiná-lo ao ‘Lesbian Herstory Archives’, em Nova York, mas acabou por nomear Daniel Keel, fundador da Diogenes Verlag, como seu executor literário.

Com isso, da perspectiva metodológica, temos examinado esse material em detalhe, com o objetivo de identificar referências diretas e/ou indiretas à obra de Kierkegaard, bem como a temas e questões vinculados ao seu pensamento – sobretudo entre os anos de 1941 e 1955, período de intensa efervescência intelectual e artística na juventude da autora em Nova York, que compreende também a gênese e o processo de escrita do romance *O Preço do Sal*, seu lançamento sob a *persona* de Claire Morgan e a recepção inicial da obra; e entre os anos de 1988 e 1990, momento em que Highsmith assume a autoria de *O Preço do Sal*, altera seu título para *Carol* e redige um posfácio para a nova edição.

Ademais, essa análise é realizada em diálogo com outras perspectivas que envolvem a produção e a recepção do romance *O Preço do Sal/Carol*, por meio da consulta às três biografias publicadas sobre a autora: a já mencionada *Beautiful Shadow: A Life of Patricia Highsmith* (2003), de Andrew Wilson; *The Talented Miss Highsmith: The Secret Life and Serious Art of Patricia Highsmith* (2009), da dramaturga e escritora estadunidense Joan Schenkar – até o presente momento, a única traduzida e publicada no Brasil<sup>34</sup>. E a mais recente, *Devils, Lusts and Strange Desires: The Life of Patricia Highsmith* (2021), de Richard Bradford, professor de literatura inglesa na Ulster University, na Irlanda do Norte. A essas obras somam-se referências que problematizam, de forma mais específica, o contexto histórico e cultural

<sup>33</sup> Cabe observar que a edição organizada por Anna von Planta, embora bastante extensa e substancial (com cerca de 1.000 páginas), constitui ainda uma coletânea do acervo dos diários e cadernos deixado por Highsmith, que estão sob a guarda do ‘Swiss Literary Archive’ (SLA), em Berna (Suíça). Acesso disponível: <https://ead.nb.admin.ch/html/highsmith.html>

<sup>34</sup> Publicada no Brasil pela Ed. Globo, em 2012, com tradução de Ricardo Lísias (cf. Schenkar, 2012).

relacionado à produção e à recepção de *O Preço do Sal/Carol*, a partir das abordagens de Meaker (2003), Johnson (2004), Hesford (2005), James (2018), Mackee (2018) e Schwanebeck & McFarland (2018).

Além disso, conforme anteriormente explicitado, nossa pesquisa quer perscrutar os campos da autoria, produção e recepção em *O Preço do Sal/Carol*, de Morgan/Highsmith, em diálogo com *O Conceito de Angústia*, de Haufniensis/Kierkegaard, a partir de uma ampla conversa com outros saberes artísticos. Nesse sentido, incluímos enquanto referências fundamentais, o filme britânico-estadunidense *Carol* (2015), dirigido por Todd Haynes, com roteiro de Phyllis Nagy, com as atrizes Cate Blanchett, Rooney Mara e Sarah Poulson, entre outros; o documentário suíço-germânico *Loving Highsmith* (2022), com direção e roteiro de Eva Vitija, incluindo depoimentos da própria Patricia Highsmith, da escritora estadunidense Marijane Meaker, da tradutora francesa Monique Buffet, e da atriz e pintora alemã Tabea Blumenschein, dentre outras pessoas que mantiveram um forte vínculo com Highsmith; e, por fim, o romance gráfico [*graphic novel*] estadunidense *Flung out of Space, inspired by the indecent adventures of Patricia Highsmith* (2023), de Grace Ellis e Hannah Templer, cujo título faz referência direta a comentário feito pela personagem Carol em *O preço do Sal/Carol*.

Ao optarmos por essa sistematização, temos por objetivo nos aproximarmos de motivações, anseios, dúvidas, problemas, curiosidades etc. que contribuam, em alguma medida, para fornecer elementos conceituais, vivenciais e poéticos, que possam ampliar nosso acesso ao complexo dialético do par angústia/liberdade no âmbito do romance *O Preço de Sal/Carol*, propriamente dito, como também aos contextos relativos à sua gênese, processo de criação e recepção. Com esse tratamento, esperamos, pois, constituir um repertório próprio de leitura de tais campos e contextos, que nos permitam articulá-los com a *investigação de uma prática de escrita* que, ao pensar *com* Kierkegaard ponha-se igualmente a pensar *com* Highsmith.

Dessa forma, para além de fornecer uma abordagem sistemática da recepção de Kierkegaard por Highsmith no âmbito do romance *O Preço de Sal/Carol*, nosso principal interesse ao adotarmos essa abordagem, dirá respeito à fruição e ao exame crítico dessas referências para que possamos enfrentar a questão central que nosso projeto se propõe: como praticar uma escrita da liberdade? Não uma escrita *sobre* a liberdade. Mas uma escrita *da* liberdade?

## Considerações finais: desdobramentos de *algo entre*

O enfrentamento da pergunta que orienta nossa pesquisa – *como* podemos colocar em prática uma escrita *da liberdade* – recai precisamente sobre a *forma*, entendida aqui como o *conjunto de meios* pelos quais buscamos responder a esse desafio, e também como *estrutura formal*, responsável por sustentar e configurar o texto enquanto produção literária ensaística.

Nas seções anteriores, enfatizamos o *como* enquanto *conjunto de meios*. Cabe agora, por fim, delinearmos o *como* enquanto *estrutura formal*. Nessa perspectiva, importa retomarmos os dois aspectos do recurso a *persona* na produção de Kierkegaard para os quais chamamos atenção anteriormente: a voz autoral que distancia o autor empírico do autor poeticamente concebido, estabelecendo *a noção e a prática da ficcionalidade do autor*; e a *dimensão performativa* dessa autoria que, ao problematizar as relações entre *o que se diz* e *como se diz*, aponta para uma *urgência existencial* do indivíduo *no singular*, demandando uma *abordagem artística* da comunicação.

Com esses dois aspectos em mente, na investigação dessa escrita da liberdade, o *como* enquanto *estrutura formal* é instaurado justamente pelo recurso à *persona*: vestir a máscara, experimentando ser algo *entre* Vigilius Haufiniensis e Claire Morgan, *entre* Søren Kierkegaard e Patricia Highsmith. Ao adotarmos tal procedimento performativo, as práticas de escrita são exercitadas com base na interlocução estabelecida com as obras *O Conceito de Angústia*, de Vigilius Haufniensis/Søren Kierkegaard e *O Preço do Sal/Carol*, de Claire Morgan/Patricia Highsmith, a partir da investigação teórico-crítica e do diálogo com outras expressões de comunicação artística (cinema, romance gráfico, fotografia, entre outras).

Tal *estrutura formal* é, por sua vez, livremente inspirada na questão que move o livro *Não Escrever [com Roland Barthes]* (2023), da escritora, tradutora, pesquisadora e professora universitária brasileira – nascida na Argentina – Paloma Vidal. A pergunta “Quando começou *isso* de me fantasiar de Barthes?” (Vidal, 2023, p. 8) atravessa toda a busca – que é pesquisa – da pesquisadora-escritora em se inscrever nos passos de *Vita Nova*, romance jamais escrito por Roland Barthes. “Isso” acabou sendo buscado de forma propriamente performativa por Vidal, que literalmente veste a máscara de Barthes, engajando “o corpo que escreve” (*ibid.*) em palestras-performances, cujas pegadas se entregam a páginas marcadas por interrogações:

“escrever para ser amado? (...) escrever para se proteger? (...), escrever para se mostrar? (...) escrever para se separar?” (*ibid.*, p.13; 17; 22; 25). O romance não escrito de Barthes evoca, então, uma curiosa e vertiginosa paragem: experimentar o que se escreve enquanto não se escreve o romance não escrito.

Vestir a máscara de Barthes leva Vidal a revelar muito mais do que ocultar o que parece descobrir *entre* si mesma e Barthes: o prazer, o medo, o dilema do desejo, o dilema da política, a pulsão vital de jamais terminar, um encontro amoroso clandestino, duas viagens, o luto, a esperança, a mãe e o filho, uma foto de um ônibus no bairro da Liberdade em São Paulo, uma oceânica distância.

Com o gesto de Vidal de vestir a *persona* de Barthes, literatura e filosofia convergem a um destino comum: a arte de começar a ver algo *entre* (*ibid.*, p. 99). Algo enigmático como ir ao encontro de uma *nova prática de escrita*, uma *escrita ensaística e ficcional* (*ibid.*, p. 100-101), que, para nossa pesquisa, configura-se como uma referência contemporânea relevante de uma escrita *da liberdade*: aquela que se arrisca a pensar, escrever e até mesmo não escrever *com* Barthes.

Em suma, o enigma dessa arte de ver algo *entre* enquanto uma nova prática de escrita nos devolve à acepção de *persona* em seu sentido antigo.

Durante o período clássico, os gregos antigos usavam a mesma palavra para *máscara* e *rosto humano*, a palavra *prosopon*. A palavra *prosopon* é etimologicamente composta pela preposição *pros* – que significa em, em direção a, para; e a palavra *ops* – que no grego homérico significa buraco, olho, olhar, abertura, pupila, voz, palavra, fala. *Prosopon* significa: rosto, aquilo que está diante dos nossos olhos, entre olhos que se veem – mas também personalidade, *persona* dramática, máscara.

A palavra contém a *relação entre dois sujeitos, apontando para um diálogo, uma reflexão, uma contemplação, um encontro ou uma oposição*. Para a mentalidade da Grécia Antiga não havia distinção entre máscara e rosto. *A máscara era outro rosto e não um objeto que esconde e cobre o rosto humano*. A ideia de *ocultação, isto é, da máscara como algo que esconde a verdadeira face*, foi desenvolvida posteriormente na Europa, como resultado das religiões monoteístas e da civilização cristã (Vovolis, 2009, p. 31, nossas ênfases e tradução).

O enigma dessa arte pertence, pois, a um estado *intermediário*, i.e., ao âmbito das relações *intra* e *intersubjetivas*. Nesse sentido, vestir a *persona* de ser algo *entre*, situa-se na compreensão da prática da ficcionalidade do autor – e o que por meio dela se produz e se recepciona – como a experimentação de uma nova relação com aquilo que nos é próprio: outros

encontros, outros diálogos, outras oposições. Outras lacunas. Algo que tende ao movimento e à abertura.

Nos termos da filosofia de Kierkegaard, a existência humana é ontologicamente marcada por sua *intermediariedade* (no dinamarquês, *Mellemvæsen*)<sup>35</sup>. Na obra *O Conceito de Angústia*, essa intermediariedade é pressentida pelo *caráter ambíguo* da existência: nem anjo nem animal, o ser humano inscreve-se *entre* o corpóreo e o psíquico, *entre* suas necessidades e possibilidades, *entre* sua realidade e idealidade. E sua angústia é o mais notável fenômeno da constituição intermediária de sua existência, cujo fundamento, todavia, é liberdade<sup>36</sup>.

## REFERÊNCIAS:

### Primárias:

- HIGHSMITH, Patricia. **Carol**. Tradução de Beth Vieira. São Paulo: Círculo do Livro, 1995.
- HIGHSMITH, Patricia. **Carol**. Tradução de Roberto Grey. Porto Alegre: Coleção L&PM (Vol. 524), 2006.
- HIGHSMITH, Patricia. **The Price of Salt**. Nova York: Dover Publications, 2015a.
- HIGHSMITH, Patricia. **Carol**. Nova York: Bloomsbury, 2015b.
- HIGHSMITH, Patricia; PLANTA, Anna von (Ed). **Patricia Highsmith: Her Diaries and Notebooks (1941-1995)**. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 2021.
- KIERKEGAARD, Søren. **O Conceito de Angústia**. Tradução, Notas e Posfácio de Álvaro L. M. Valls. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013.
- KIERKEGAARD, Søren. **The Concept of Anxiety**. Tradução, Introdução e Notas de Alastair Hannay. Nova York: Liveright Publishing, 2014.
- KIERKEGAARD, Søren. **The Concept of Anxiety (Kierkegaard's Writings VIII)**. Editado e Traduzido com Introdução e Notas por Reidar Thomte em colaboração com Albert B. Anderson. Nova Jersey: Princeton University Press, 1980.
- KIERKEGAARD, Søren. **Pós-Escrito Conclusivo Não Científico às Migalhas Filosóficas (Vol. 2)**. Tradução, Apresentação e Notas de Álvaro L. M. Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis: Vozes, 2016.
- KIERKEGAARD, Søren. **A Kierkegaard Anthology**. Edição de Robert Bretall. Nova Jersey: Princeton University Press, 1946.

<sup>35</sup> Cf. Silva, p. 91.

<sup>36</sup> Cf. Kierkegaard, 2013, p. 47; 161

### Secundárias:

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ADAMS, Don. Patricia Highsmith's Kierkegaardian fiction. In: Hagberg, Garry L. (Org). **Narrative and Ethical Understanding**. Cham, Suíça: Palgrave Macmillan, 2024a, p. 45-62.
- ADAMS, Don. The hard, bloodless surface of a mirror: Patricia Highsmith's Kierkegaardian anatomy of anxiety. **Literature and Theology**, Oxford, v. 38, n. 2, p. 93–109, jun. 2024b.
- ADAMS, Don. Patricia Highsmith's Surprising Knight of Faith. **Christianity & Literature**, Baltimore, v. 71, n. 1, p. 97–122, mar. 2022.
- ARENDT, Hannah. **A Dignidade da Política**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.
- BARRETT, Lee C. Vigilius Haufniensis: Psychological Sleuth, Anxious Author, and Inadvertent Evangelist. In NUN, Katalin; STEWART, Jon (Org.). **Kierkegaard Research: Sources, Reception and Resources – Kierkegaard's Pseudonyms** – Vol. 17. Surrey: Ashgate, 2015, p. 259-280.
- BRADFORD, Richard. **Devils, Lusts and Strange Desires – The Life of Patricia Highsmith**. London: Bloomsbury, 2021.
- COSTA, D. P. P. da; PIRES, G. M.; ALVES, R. G. O texto queer: Socioleto, dialogismo e ênfase. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 24, n. esp.1, p. e023008, 2023. DOI: 10.30715/doxa.v24iesp.1.18043. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/18043>. Acesso em: 17 jul. 2025.
- ELLIS, Grace; TEMPLER, Hannah. **Flung out of Space, inspired by the indecent adventures of Patricia Highsmith**. Nova York: Abrams ComicArts, 2023.
- GARFF, Joakim. **Søren Kierkegaard: A Biography**. Tradução de Bruce H. Kirmmse. Princeton: Princeton University Press, 2005.
- GRØN, Arne. **The Concept of Anxiety in Søren Kierkegaard**. Macon, Georgia: Mercer University Press, 2008.
- GRØN, Arne. **Thinking with Kierkegaard. Existential Philosophy, Phenomenology, and Ethics**. Monograph Series (Volume 44). Berlim, Nova York: Walter de Gruyter, 2023.
- HANSEN, Bjarke Mørkøre Stigel; ROSFORT René in GRØN, Arne. **Thinking with Kierkegaard. Existential Philosophy, Phenomenology, and Ethics**. Monograph Series (Volume 44). Berlim, Nova York: Walter de Gruyter, 2023.
- HESFORD, Victoria. Patriotic Perversions: Patricia Highsmith's Queer Vision of Cold War America in 'The Price of Salt', 'The Blunderer', and 'Deep Water.' **Women's Studies Quarterly**, vol. 33, no. 3/4, 2005, pp. 215–33. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/40004425>. Accessed 17 July 2025.
- JAMES, Jenny M. Maternal Failures, Queer Futures: Reading The Price of Salt (1952) and Carol (2015) against Their Grain. **GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies**, vol. 24 no. 2, 2018, p. 291-314. Project MUSE <https://muse.jhu.edu/article/696683>
- PLANTA, Anna von & SCHENKAR, Joan (ed.). **Patricia Highsmith: Her Diaries and Notebooks: 1941-1995**. Nova York: Liveright, 2021.
- JOHNSON, David K. **The Lavender Scare. The Cold War Persecution of Gays and Lesbians in the Federal Government**. Chicago, London: The University of Chicago Press, 2004.
- LOWRIE, Walter. **A Short Life of Kierkegaard**. Nova Jersey: Princeton University Press, 1942.

- MACKEE, Alison L. The *Price of Salt, Carol*, and Queer Narrative Desire(s), in SCHWANEBECK, Wieland; MCFARLAND, Douglas (Ed.). **Patricia Highsmith on Screen (Palgrave Studies in Adaptation and Visual Culture)**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2018.
- MEAKER, Marjane. **Highsmith (A romance of the 1950s)**. San Francisco, California: Cleis Press, 2003.
- NUN, Katalin; STEWART, Jon (Org.). **Kierkegaard Research: Sources, Reception and Resources – Kierkegaard's Pseudonyms** – Vol. 17. Surrey: Ashgate, 2015.
- PACHECO, Deise Abreu. Cena Prística: campo existencial da investigação estética. **Diacrítica** (Revista do Centro de Estudos Humanísticos - CEHUM). Portugal: Universidade do Minho, Vol. 33, nº 1, 2019a, pp. 104-122.  
Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9260762> . Acesso em: 17 de jul. 2025.
- PACHECO. Deise Abreu. **Assistir e ser assistida: vias e limites de uma estética existencial, um percurso pela obra de Søren Kierkegaard**. São Paulo: Hucitec, 2021.
- PACHECO, Deise Abreu; LAZZARETTI, Lucas Piccinin. O cultivo da arte dramática: A partir da filosofia existencial kierkegaardiana. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 3, n. 42, p. 1-27, 2021.  
DOI: 10.5965/1414573103422021e0206.  
Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/20817>. Acesso em: 17 jul. 2025.
- PACHECO, D. A. A cena em reserva: prática da escrita, da leitura e do dizer, em uma abordagem kierkegaardiana. **Anais da X Reunião Científica da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (ABRACE)**, V. 20, n. 1, 2019b, pp. 01-13.
- SCHENKAR, Joan. **The talented Miss Highsmith: the secret life and serious art of Patricia Highsmith**. Nova Your: St. Martin Press, 2009.
- SCHENKAR, Joan. **A talentosa Highsmith**. Tradução de Ricardo Lísias. São Paulo: Ed Globo, 2012.
- SCHWANEBECK, Wieland; MCFARLAND, Douglas (Ed.). **Patricia Highsmith on Screen (Palgrave Studies in Adaptation and Visual Culture)**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2018.
- SILVA, Gabriel Ferreira. **Em busca de uma Existential-Vindenskab: Kierkegaard e a Ontologia do Inter-esse**. 2015. Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo/Rio Grande do Sul, 2015.
- THOMTE, Reidar; ANDERSON, Albert B. Historical Introduction in KIERKEGAARD, Søren. **The Concept of Anxiety (Kierkegaard's Writings VIII)**. Editado e Traduzido com Introdução e Notas por Reidar Thomte em colaboração com Albert B. Anderson. Nova Jersey: Princeton University Press, 1980.
- VIDAL, Paloma. **Não Escrever [com Roland Barthes]**. São Paulo: Tinta-da-China Brasil, 2023.
- VOVOLIS, Thanos. Prosopon. **The acoustical mask in Greek Tragedy and in Contemporary Theatre**. Estocolmo: Dramatiska institutet, 2009.
- WESTFALL, Joseph. **The Kierkegaardian Author: Autorship and Performance in Kierkegaard's Literary and Dramatic Criticism**. (Kierkegaard Studies. Monograph Series 15). Berlim, Nova York: Walter de Gruyter, 2007.
- WILSON, Andrew. **Beautiful Shadow: A Life of Patricia Highsmith**. Londres: Blomsbury Publishing, 2003.

#### **Referências audiovisuais:**

**Carol**, filme de longa-metragem dirigido por Todd Haynes, roteiro de Phyllis Nagy, com Cate Blanchett, Rooney Mara e Sarah Poulson, dentre outros. Produção: Number 9 Films, Film4 Productions, Killer Films, Reino Unido, EUA (118 min, Super 16 mm, cor), 2015.

**Loving Highsmith**, filme documentário, com direção e roteiro de Eva Vitija, com a participação de Patricia Highsmith, Marijane Meaker, Monique Buffet, Tabea Blumenschein, dentre outros. Produção: Emsemble Film, Lichtblick Film, Suíça/ Alemanha (83 min, cor), 2022.